

Ellen tem o groove

Ellen Oléria lança álbum digno da melhor tradição da black music

AFFONSO NUNES

“Eu comando o groove”, avisa Ellen Oléria em “Axé de Ouro”, faixa que abre o excelente álbum “Canto de Casa Vol. 1”. É o cartão de visitas de um álbum elegante que faz jus à tradição da black music. É na sfti- cação do R&B, no groove do soul, na modernidade do afrobeat e na batida marcada do funk que a voz marcante da cantora entrega densidade e ritmo. Aos 25 anos de carreira, Ellen finca os pés num território que sempre foi seu: o das sonoridades negras.

Produzido por Ellen e um time composto por Felipe Viegas, Pedro Miranda e Renato Galv Santos, o disco tem uma proposta estética evidenciada na frase que abre este texto. Ellen comanda o groove e este comando o trabalho como um todo. Gravado em São Paulo no estúdio Gargolândia, o projeto traz 10 faixas de puro suingue, de música preta correndo nas veias.

Para a artista, este é um disco

Diego Bressani/Divulgação



Ellen Oléria faz jus à tradição da música preta em “Canto de Casa Vol. 1”

que celebra a música feita a partir de afetos e pertencimento, que exige do ouvinte uma escuta atenta e aberta. Até ua capa, com uma foto da artista quando criança, compõe essa atmosfera.

Para marcar os 25 anos de

estrada na música, a artista que criou um disco que fala da canção que nasce no cotidiano.

“Incendiou” mistura R&B, funk e hip hop em ritmo que pulsa — é faixa que convida ao movimento desde os primeiros

segundos. “A Saudade Se Instaurou” navega entre neo soul e MPB com lirismo que não cai em sentimentalismo fácil; é saudade que groovea, que dança. “Pinga Tinta” une afrobeat e carimbó, expandindo o mapa sonoro do

projeto para territórios que dialogam com ancestralidade e contemporaneidade simultaneamente. “Abya Yala” revolve memórias da ancestralidade africana na canção. Cada faixa é construída com atenção ao detalhe rítmico — o groove não é acessório, é estrutura.

A assinatura artística de Ellen Oléria é potente. Seu timbre amplo e elegante — aquele que a levou a vencer The Voice Brasil — passeia por diferentes registros sem perder densidade. Suas composições atravessa gêneros com fluidez, uma escrita que fala de saudade, pertencimento, marcas deixadas pelos encontros.

O álbum conta com participações de Rincon Sapiência, rapper paulistano que traz sua própria densidade lírica ao projeto em “Te Faria”, e de Jef Rodriguez, da Banda O Quadro. A presença de Sapiência, em particular, reforça o compromisso do projeto com a black music brasileira contemporânea — aquela que se ergue do hip hop, do funk, dos sons da periferia, e que não pede permissão para ocupar espaço.

“Canto de Casa Vol. 1” marca um novo ciclo. Após “Afrofuturista” (2022) e “Peça” (2009), Ellen mostra que a música preta brasileira é gesto político, história, corpo e memória. Ellen Oléria sabe disso e por isso é uma artista que fala por si, por sua gente e por uma geração artística que se impõe na nossa cena musical.

CRÍTICA DISCO | OS ESCAFANDRISTAS CANTAM CHICO BUARQUE

por AQUILES RIQUE REIS*

Uma homenagem no tom certo

Hoje trataremos do álbum “Os Escafandristas Cantam Chico Buarque” (Biscoito Fino). No alto de seus 82 anos, Buarque merece que o máximo de registros de sua obra sejam trazidos a público. Quantos mais vierem, melhor se revelará o que seus colegas de profissão conhecem dele. Missão difícil, mas os Escafandristas deram o seu jeito.

O uníssono surpreende, porque as vozes se ajustam umas às outras, embora cada qual tenha um timbre definido. Os arranjos impõem que se adequem entre si. Um quarteto vocal dos bons! Nas canções mais delicadas, como “Morena dos Olhos D’Água”, o solo vem

suave numa voz feminina.

Em “Construção”, os violões conduzem o arranjo; terças se abrem aqui e ali; homens e mulheres intercalam solos; a levada cresce e tudo se mostra ainda mais simbólico; a percussão acompanha o affrettando que leva ao final.

A vocalização de “A Ostra e o Vento” sinaliza o cuidado que o quarteto tem com tal recurso que os caracteriza; uma flauta pontua acordes, enquanto as vozes femininas se alternam em duos e solos. “Futuros Amantes” inicia com um duo feminino e masculino em cânone; o violão traz a



Divulgação

Os escanfandristas cantam Chico Buarque

harmonia buarqueana.

A força de “Assentados” vem com a percussão marcando o ritmo; o sentimento flui nas vozes uníssonas; terças abrem e levam a saga à frente. Notas soltas do baixo iniciam “Brejo da Cruz”, com participação da voz de Giuliano Eriston; logo o vocal vem na dinâmica do arranjo. “Cotidiano” inicia com um cânone; novamente a corda do baixo se incube do

ritmo; o canto vem com a voz em terças com o baixo; e as vozes seguem ecoando o dia a dia. “Tempo e Artista” soa arritmo; os solos abraçam os versos de Buarque; suavemente as vozes abrem em sólida afinação. E vem “O Que Será, Que Será – A Flor da Terra”: com o ímpeto que a caracteriza como um marco na história da música brasileira, lá estão os Escafandristas para tratá-la com o ardor que têm; arritma, a flauta acompanha o solo masculino. Logo o coro se forma para retransmitir a alma do compositor e Rui Guerra declama os versos, como fez na primeira gravação da música; o uníssono das vozes femininas traz o canto com o ritmo.

A seguir, “A Volta do Malandro” rola assoviada; uma voz feminina assume o solo e o leva até que o quarteto se ajunte para

seguirem cantando; e Chico se achega para uma breve participação. O amor brota em “Minhas Meninas”, escolhida para fechar a tampa. E fecham com tudo o que marca o pai das meninas, um homem que busca dentro de si toda a humanidade necessária para ser o espelho de uma nação cuja maioria o ama como ama a cada um de seus próprios filhos. Ouça o álbum em <https://11nq.com/khd1aiu>.

Ficha técnica

Idealização: Alice Passos; direção musical: Thiago Amud; direção artística: Alice Passos; produção: Escafandristas; formação: Alice Passos (voz, flauta, violão e percussão), Luisa Lacerda (voz e violão), Renato Frazao (voz e baixo) e Thiago Amud (voz e violão).

*Vocalista do MPB4 e escritor